

III - Esquematismo e anti-semitismo

3.1. Esquematismo e mimese

A investigação a respeito da mimese tem lugar no capítulo sobre o anti-semitismo pois ela fornece uma explicação para certos tipos de conduta de grupos, especialmente a conduta da multidão ou das massas. O comportamento mimético é considerado uma das formas “normais” de aprendizagem e socialização durante a primeira infância. Na medida em que esse processo de socialização avança, esse comportamento mimético deve dar lugar a um tipo de conduta racional, vale dizer, organizada e dirigida para os fins do mundo do trabalho capitalista liberal. Pode-se dizer que a civilização ocidental começou com a mimese e, num certo sentido, a transcendeu, uma vez que, de acordo com o esquema capitalista, “a fórmula suplanta a imagem, a máquina de calcular às danças rituais” (HORKHEIMER, *apud* JAY: 1973, p. 435).

A mimese é uma forma de identidade entre o sujeito e o objeto de forma que o sujeito ao se identificar ao objeto, acaba assumindo as características do objeto como se fossem suas. É dessa forma que o selvagem imita a natureza por meio da arte e também a criança imita os adultos. Segundo Aristóteles, “ao homem é natural imitar desde a infância – e nisso difere ele dos outros seres, por ser capaz da imitação e por aprender, por meio da imitação, os primeiros conhecimentos -; e todos os homens sentem prazer em imitar” (ARISTÓTELES: 1999, p. 40).

A função da mimese, segundo Adorno e Horkheimer, no capítulo sobre os elementos do anti-semitismo, é a integração de todos os indivíduos sob uma mesma ordem. A identificação, no sentido propriamente psicanalítico¹, sempre foi tomada como um instrumento de individuação. Mas, nas sociedades totalitárias, ela acabou por se converter num instrumento de desindividuação, contribuindo para um tipo de comportamento adaptado e irrefletido, uma espécie de identificação por expropriação.

A identificação, no sentido freudiano, é um processo pelo qual o sujeito assimila um ou mais traços de um outro indivíduo, integra-os ao seu ego, e se modifica de acordo com o modelo em causa. Ela se diferencia da escolha do objeto na medida em que escolher um objeto é desejar tê-lo, enquanto identificar-se a um objeto é desejar sê-lo ou ser como ele. Em sua obra *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, Freud afirma que a identificação surge no momento da descoberta da alteridade. A psicanálise a considera como a manifestação mais precoce de um vínculo afetivo com outra pessoa. A identificação atuante nos grupos não é primária, mas resulta da transformação de um sentimento primitivamente hostil (MEZAN: 1986, p. 453).

Segundo Freud, a identificação funciona como um intermediário entre *Eros e Thânatos*, limitando a agressividade entre os membros do grupo e deslocando-a para o exterior deste. Trata-se do mesmo mecanismo do sadismo, isto é, da exteriorização da pulsão de morte, sob o domínio da libido. A diferença é que, no sadismo, o processo se desenrola no interior de um indivíduo, enquanto que no caso do grupo, cada indivíduo funciona como célula de um organismo mais vasto, sendo a agressividade desviada para

¹ Freud não utiliza o termo “mimese”, mas sim “identificação”. Para os autores, no capítulo sobre o anti-semitismo, os dois termos têm a mesma significação.

os membros de outros grupos. Freud cita a ferocidade com que a Igreja cristã perseguia os não-cristãos e outros fenômenos semelhantes, nos quais a identificação, anulando momentânea e permanentemente as diferenças individuais, trabalha a favor de *Eros* dentro do grupo e a favor de *Thânatos* em relação àqueles que dele não fazem parte. Esse é um princípio fundamental para a compreensão da análise freudiana da cultura, quer seja, que entre o indivíduo e o social não há diferença de natureza, mas sim de escala.

Podemos caracterizar a identificação das seguintes formas: 1) relação afetiva mais precoce com uma outra pessoa, anterior à escolha de objeto (identificação primária ao pai); 2) identificação regressiva, posterior à escolha de objeto e em particular ao abandono deste objeto (por exemplo, a identificação que sucede à dissolução do complexo de Édipo); 3) identificação parcial a um traço de outro indivíduo, pela qual procuramos imitá-lo em tal ou qual aspecto de sua personalidade ou conduta. Em todos esses casos, a identificação se traduz por uma modificação no ego, sob a forma de um resíduo ou depósito; o ego é constituído por estas identificações sucessivas, que podem ser contraditórias e fora das normas estabelecidas (MEZAN: 1986, p. 456).

Como em todos os casos, aquele com quem o sujeito se identifica é exterior a ele, a identificação equivale a uma operação de abertura à realidade externa, constituída por fatores estranhos à vida permanente pulsional do indivíduo, uma vez que a satisfação da pulsão - sexual, agressiva ou de autoconservação - está vinculada necessariamente à existência de objetos exteriores à psique do indivíduo. É por esta razão que Freud afirma que a psicologia individual é desde o início psicologia social.

Pode-se pensar que existe uma diferença entre a concepção freudiana de identificação como fator individualizante e a concepção dos autores de mimese como sendo o processo pelo qual o sujeito expropriado de sua capacidade de refletir acaba por desaparecer sob o universal ao se identificar sem reservas com a ordem fascista. Em ambos os casos, pode-se fazer referência ao conceito de indivíduo burguês fruto do esclarecimento.

A identificação freudiana, corresponde àquela etapa do esclarecimento em que, por necessidade ou força da ascensão burguesa, defendia-se um ideal de indivíduos com personalidades autônomas, cuja autonomia provinha de “uma dolorosa dialética interna de consciência moral, autoconservação e impulsos” (DE 181). Pelo menos do ponto de vista das idéias, as leis do sistema exigiam essa autonomia do particular frente ao universal. O pensamento autônomo esclarecido em relação à ordem feudal e religiosa, acusadas por este de serem excessivamente míticas, era considerado o requisito básico do novo conceito de humanidade.

Dentro desse esquema, a família burguesa teve um papel fundamental na formação do ego, fazendo o papel de mediação entre o indivíduo e o todo social preparando-o para a adaptação a esse todo. Nesse caso, a família representada pela figura do pai, atuava como uma espécie de superego, como consciência moral, preparando o indivíduo através da sua identificação moral com a figura do pai - processo que depois pode se estender a outras figuras que representam algum tipo de autoridade ou poder nas sociedades patriarcais e que encarnam a figura do pai. Dentro da ordem burguesa do

esclarecimento, a família atua como a instância que produz, por identificação à imagem do pai autoritário, egos consistentes o suficiente para que o indivíduo se adapte e reproduza a ordem social burguesa, sobretudo no que diz respeito ao universo da produção, mas também, por outro lado, um indivíduo capaz de impor a essa ordem burguesa a sua autonomia de pensamento. Tal autonomia acabou, de fato, mostrando-se um tanto quanto débil frente à ordem constituída, uma vez que a exigência pela liberdade, o pensamento livre contra o pensamento mítico, acabou por desembocar num outro tipo de mitologia a serviço da ordem estabelecida, quer seja, a ciência e sua concepção positivista de mundo.

Durante o capitalismo concorrencial, a família burguesa conseguiu, bem ou mal, realizar essa tarefa complicada de produzir personalidades suficientemente fortes para travar a batalha da competição e suficientemente fortes para travar a batalha da competição e suficientemente submissas para aceitar a autoridade, quando inelutável – tal como a autoridade do mercado. A tópica freudiana descreve a realidade psíquica média, na etapa do individualismo burguês. Cada mônada social dispõe do seu Id, gerador de impulsos cegos, do seu Superego, forma mediatizada de presença do social, e do seu Ego, que ouve as partes litigantes e profere sentenças imparciais, que arbitram entre as necessidades do indivíduo e as do sistema capitalista. Se as várias decisões tomadas por essa multiplicidade de mônadas acabam convergindo, pelo mecanismo da mão invisível, para um resultado funcional para o sistema como um todo, essa convergência não resulta de uma “harmonia preestabelecida” entre o singular e o universal, mas da anulação estatística, pela lei dos grandes números, dos inúmeros casos aberrantes e das inúmeras integrações incompletas. (ROUANET: 1983, p. 124)

O fato é que a identificação do indivíduo ao sistema não se fazia diretamente, mas sim pela mediação familiar sobretudo pela figura do pai que, fazendo as vezes de superego, forjava na criança, através de sucessivas identificações, a consciência moral. Essa consciência moral acabou por preparar e direcionar o indivíduo para a vida social – nesse caso há adesão do indivíduo ao sistema, uma vez que é preciso produzir a vida socialmente, porém essa adesão é feita com ressalvas, há ainda por parte do indivíduo produzido pelo esclarecimento burguês, um desejo de viver uma vida justa e feliz sob o solo da liberdade.

O ego do indivíduo burguês é suficientemente forte para que ele possa se submeter, mas com ressalvas, ao superego - representado aqui como o todo social -, abrindo mão de alguns de seus impulsos em benefício do princípio de realidade. Segundo Adorno e Horkheimer, “a consciência moral consistia para o ego em devotar-se ao substancial no mundo exterior, na capacidade de fazer seu o verdadeiro interesse dos outros. Essa capacidade é a aptidão à reflexão enquanto síntese da receptividade e da imaginação” (DE 185). Trata-se aqui de uma identificação “saudável”, a partir da qual o indivíduo aprende a diferenciar aquilo que lhe é próprio daquilo que lhe é exterior – e aprende também a gradualmente contrapor à ordem estabelecida o senso de realidade que lhe inspira a sua consciência moral.

Com a desagregação do núcleo familiar, sobretudo com a dissolução da figura do pai, pelo menos enquanto encarnação do superego, o ego do indivíduo é absorvido completamente pela ordem estabelecida. Livre da regulação do superego, o ego acaba, ao invés de se forjar por essa regulação, por se dissolver – ocorre nesse caso uma identificação irrefletida, que ao contrário de possibilitar ao indivíduo a formação da sua consciência individual, acaba por desindividualizá-lo, uma vez que o ego sem o controle do superego, torna-se uma vítima fácil do id. Ora, esse indivíduo motivado pelas pulsões do id, pela lógica irracional do amor de si, vítima de seus interesses animalescos, é incapaz de “fazer seu o verdadeiro interesse do outro”. Sem a voz da consciência moral do superego introjetado, o que o ego devolve ao mundo é o puro nada. A coesão social no capitalismo tardio é garantida justamente pela administração ou pela adesão incondicional do indivíduo ao sistema. Sem a mediação do superego ocorre ao indivíduo não um processo de individuação frente ao sistema, mas sim um

processo de desindividuação. Se o ego não se forja por meio da “dolorosa dialética interna de consciência moral, autoconservação e impulsos” (DE 181), não é possível ao indivíduo desindividualizado proceder aquela “síntese da receptividade e da imaginação” que caracteriza o bom uso da razão. Como perde a capacidade de refletir, o indivíduo também perde a capacidade de esquematizar com autonomia. Daí a sua adesão total e irrefletida aos esquemas anti-semitas.

Dentro da ordem totalitária qualquer traço de uma personalidade autônoma deve ser reprimido como sendo um tipo de comportamento mimético arcaico. Todos os pensamentos e as ações decorrentes destes devem sempre confluir para os interesses do sistema. E, na medida em que essa assimilação do particular ao todo se faz sobretudo por uma manipulação ideológica, tudo aquilo que no sujeito traz alguma característica natural, quer dizer, tudo aquilo que no indivíduo parece meramente natural, deve ser reprimido. O apelo ao particular, à idiosincrasia, que era tão caro ao esclarecimento, deve ser reprimido dentro da ordem totalitária.

Os autores apontam que o comportamento mimético enquanto adaptação ao meio ou imitação do outro foi substituído pela civilização, em sua fase mágica, pela manipulação organizada da mimese, como por exemplo, nos rituais religiosos e, por fim, foi proscrita pela organização racional do trabalho. Todo aquele comportamento mimético incontrolado que demonstra que o indivíduo sucumbe à sua própria natureza deve ser proscrito. Tudo aquilo que diz respeito a sua idiosincrasia deve ser proscrito pois escapa à manipulação organizada da práxis racional. A própria condição da civilização

está baseada na repressão dos impulsos miméticos que só podem ser conquistados por meio de um aprendizado de dominação da própria natureza interna.

Inicialmente, em sua fase mágica, a civilização havia substituído a adaptação orgânica ao outro, isto é, o comportamento propriamente mimético, pela manipulação organizada da mimese e, por fim, na fase histórica, pela práxis racional, isto é, pelo trabalho. A mimese incontrolada é proscrita. (...) O rigor com que os dominados impediram no curso dos séculos a seus próprios descendentes, bem como às massas dominadas, a recaída em modos de vida miméticos – começando pela proibição de imagens na religião, passando pela proscricção social dos atores e dos ciganos e chegando, enfim, a uma pedagogia que desacostuma as crianças de serem infantis – é a própria condição da civilização. A educação social e individual reforça nos homens seu comportamento objetivamente enquanto trabalhadores e impede-os de se perderem nas flutuações da natureza ambiente. Toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou. (DE 168-169)

Pois o idiossincrático diz respeito justamente ao modo como cada indivíduo lida com situações particulares. Segundo os autores, as motivações do indivíduo reproduzem momentos próprios de nossa pré-história biológica, tais como as contrações da pele, dos músculos e dos membros e a imobilidade diante do perigo como uma espécie de assimilação ao que é morto. O que caracteriza a idiossincrasia é que o ego não consegue racionalizar esses impulsos miméticos, são momentos em que longe da dominação, o indivíduo, obedecendo a esquemas arcaicos de autoconservação, torna-se semelhante à natureza.

As reações de fuga caoticamente regulares dos animais inferiores, a formigação das multidões de insetos, os gestos convulsivos dos martirizados exibem aquilo que, em nossa pobre vida, apesar de tudo, não se pode dominar inteiramente: o impulso mimético. É na agonia da criatura, no pólo extremo oposto à liberdade, que aflora irresistivelmente a liberdade enquanto determinação contrariada da matéria. É contra isso que se dirige a idiossincrasia [racionalizada] que serve de pretexto ao anti-semitismo. (DE 171)

Ora, o anti-semita faz uso justamente desse tipo de comportamento para promover a liquidação dos judeus. Uma vez que “a energia psíquica mobilizada pelo anti-semitismo político é essa idiossincrasia racionalizada. Todos os pretextos combinados pelos chefes

e seus seguidores servem para ceder à sedução mimética sem violar abertamente o princípio de realidade – por assim dizer, com todas as honras” (DE 171).

Era prática corrente entre os nazistas a imitação maldosa dos judeus, uma outra forma de liberação dos impulsos miméticos promovida pelos nazistas e que os autores chamam de mimese da mimese. Com isso, era possível ao nazista assumir um comportamento mimético sem perder de vista o seu compromisso com a racionalidade organizada. Ao imitar o judeu, o nazista, na verdade, podia se dar ao prazer de expressar os seus impulsos miméticos sem condenação, uma vez que aquilo que é imitado do judeu pelo nazista causa aversão a este justamente por sua proximidade. Pelo escárnio o nazista se vê livre por um instante de toda dominação e ao explodir numa gargalhada que ridiculariza e coage os traços naturais do judeu, ele recupera o seu senso de realidade confirmado pela ordem totalitária. Dentro da ordem totalitária, só se permite o abandono a comportamentos miméticos se for com o intuito de proscreever o imitado. O riso é o sinal de que a vítima está liquidada.

Eles [os anti-semitas] não suportam o judeu e imitam-no continuamente. Não há anti-semita que não seja levado instintivamente a imitar o que ele considera judeu. O que se considera judeu, aliás, são sempre cifras miméticas: o gesto da mão que argumenta; a entonação cantante com que descreve, independentemente do sentido do juízo proferido, uma imagem animada das coisas e dos sentimentos; o nariz, *principium individuationis* fisionômico e, por assim dizer, um caractere que inscreve no próprio rosto do indivíduo o seu caráter particular. Nas ambíguas inclinações dos prazeres do olfato sobrevive ainda a antiga nostalgia pelas formas inferiores da vida, pela união imediata com a natureza ambiente, com a terra e o barro. De todos os sentidos, o ato de cheirar – que se deixa atrair sem objetualizar – é o testemunho mais evidente da ânsia de se perder no outro e com ele se identificar. Por isso o cheiro, tanto como percepção quanto como percebido (ambos se identificam no ato), é mais expressivo do que os outros sentidos. Ao ver, a gente permanece quem gente é, ao cheirar, a gente se deixa absorver. É por isso que a civilização considera o cheiro como uma ignomínia, como sinal das camadas sociais mais baixas, das raças inferiores e dos animais abjetos. Ao civilizado só se permite o abandono a semelhante prazer quando o interdito é suspenso por uma racionalização a serviço de fins real ou aparentemente práticos. Só é lícito entregar-se a esse instinto condenado quando está fora de dúvida que o objetivo é destruí-lo, como é o caso do gracejo ou da facécia, a mísera paródia da satisfação. Desprezada e desprezando-se a si mesma, a função mimética é saboreada maldosamente. (DE 171-172).

É através do processo de identificação, do apaziguamento das pulsões miméticas, promovida pela identificação entre os membros do partido nazista, com sua identificação e submissão ao grupo, que o nazista encontra um conforto – ou a sensação de estar protegido num mundo composto por iguais. Os símbolos mobilizados pelo nazismo instauram a identidade e tudo aquilo que não lhe convém, o não-idêntico, serve de pretexto para o terror. E o ritual passa da coação mimética pelo ridículo, pela exposição dos traços fisionômicos do outro ao escárnio e termina com o seu sacrifício nas câmaras de gás. Através da morte do judeu, o nazista se reconcilia consigo mesmo, com o grupo e com o líder do grupo.

O impulso recusado é permitido na medida em que o civilizado o desinfeta através de sua identificação incondicional com a instância recusadora. Passado o limiar, o riso aparece. É este o esquema da reação anti-semita. É para celebrar o instante da liberação autoritária do proibido que os anti-semitas se reúnem, só ele transforma-os numa coletividade, e constitui a comunidade da espécie. Seu alarido é a gargalhada organizada. Quanto mais medonhas as acusações e as ameaças, quanto maior a fúria, mais compulsório o escárnio. A fúria, o escárnio e a imitação venenosa são a rigor a mesma coisa. O sentido das fórmulas fascistas, da disciplina ritual, dos uniformes e de todo o aparato pretensamente irracional é possibilitar o comportamento mimético. Os símbolos engenhosamente arquitetados, próprios a todo movimento contra-revolucionário, as caveiras e mascaradas, o bárbaro rufar dos tambores, a monótona repetição de palavras e gestos são outras tantas imitações organizadas de práticas mágicas, a mimese da mimese. O *Führer* com a sua cara de canastrão e o carisma da histeria orquestrada puxa a roda. Sua representação realiza substitutivamente e em imagem o que é vedado a todos os demais na realidade. Hitler pode gesticular como um palhaço; Mussolini pode arriscar notas erradas como um tenor de província; Goebbels pode falar com a fluência do representante comercial judeu que ele exorta a assassinar; Coughlin pode pregar com a fé do Salvador, cuja crucifixão ele descreve a fim de que se volte sempre a derramar o sangue. O fascismo também é totalitário na medida em que se esforça por colocar diretamente a serviço da dominação a própria rebelião da natureza reprimida contra essa dominação. (DE 172)

3.2. Esquematismo e projeção

Em psicologia e em neurofisiologia o conceito de projeção é utilizado para designar a operação pela qual um fato neurológico ou psicológico é deslocado e localizado no exterior, quer passando do centro para a periferia, quer do sujeito para o objeto. No

sentido propriamente psicanalítico o conceito de projeção designa o mecanismo pelo qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro, seja pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos e mesmo objetos que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se nesse caso de um mecanismo de defesa arcaico, encontrado particularmente no comportamento paranóico, mas também em modos de pensar considerados como normais, tais como na superstição ou no mito².

Em psicologia o conceito é utilizado para designar os processos em que o indivíduo ao perceber o meio ambiente responde a ele em função dos seus próprios interesses, aptidões, hábitos, estados afetivos, expectativas, desejos, ou seja do seu mundo psíquico ou interior. O mecanismo de projeção neste sentido teria a função de, para garantir a sobrevivência do indivíduo, limitar ou até mesmo, direcionar a atenção do indivíduo para aquilo que o seu aparato psíquico determina como importante. Pode-se exemplificar esse caso, com a atitude de indivíduos que sendo muito duros consigo mesmo, acabam projetando essa “dureza” no mundo como uma espécie de justificativa para a própria “dureza” consigo mesmo (“Faço assim porque o mundo me obriga!”), ou então no caso de indivíduos muito religiosos que significam todos os fatos a partir de uma luta entre o Bem (Deus) e o Mal (Diabo). Mesmo no caso dos animais, o predador tem de limitar a sua percepção ao mundo da presa como uma forma de garantir a sua sobrevivência. É possível ler traços projetivos através de testes como Rorschach ou T.A.T. nos quais os sujeitos são estimulados a significar as situações as quais estão expostos de acordo com os seus conteúdos psíquicos – a idéia é que ao significar

² Por não se tratar de um estudo mais acurado a respeito do comportamento projetivo em si, mas sim da sua vinculação ao conceito de esquematismo, como este sendo um correlato daquele, o conceito de projeção será utilizado no seu sentido mais geral.

situações que *a priori* são sem um significado determinado, o sujeito na verdade projeta na situação o seu conteúdo psíquico e então torna-se possível ler traços do seu mundo interior a partir desse processo de significação. É mesmo muito comum nesses casos o sujeito atribuir a outros as tendências, os desejos, etc., que desconhece em si mesmo. Podemos dizer, por exemplo, que o racista projeta no grupo desprezado as suas próprias falhas e as suas inclinações inconfessadas.

No seu texto *Novas observações sobre as psiconeuroses de defesa*, Freud associa a projeção à paranóia e a descreve como uma defesa primária, um mal uso de um mecanismo normal que consiste em procurar no exterior a origem de um desprazer. O paranóico é aquele que projeta no exterior as suas representações intoleráveis e que voltam a ele sob a forma de repressão. Um outro bom exemplo do mecanismo de projeção é o que Freud chama de “ciúme projetivo”, quer dizer, o caso no qual um sujeito defende-se de seus desejos inconfessados de traição imputando a infidelidade ao outro. O interessante nesse caso é que ao deslocar o conteúdo projetado, a infidelidade, do seu inconsciente para o outro, o sujeito que projeta pode tanto conhecer melhor o outro quanto desconhecer a si mesmo. Neste sentido de projeção, o sujeito envia para fora uma imagem do que existe nele de forma inconsciente e define-se como um modo de desconhecimento, tendo como contrapartida o conhecimento em outrem daquilo que o sujeito desconhece em si mesmo.

Mas a projeção que em alguns casos não passa de uma mera forma de defesa paranóica, não está necessariamente presente em todas as formas de afecção como paranóia. Freud

vê na superstição, na mitologia ou no animismo³ uma projeção no sentido de que os homens primitivos são incapazes de conceber a natureza de outra maneira que não seja segundo o modelo humano. Dessa maneira, a mitologia grega atribuía aos deuses características humanas como, por exemplo, amor ou ódio, vingança ou cumplicidade, quer dizer, os antigos projetavam na natureza qualidades humanas. Nesse caso, podemos considerar a projeção como um mecanismo legítimo de sobrevivência, mas não paranóico. Para Freud, a vingança dos deuses, as almas do outro mundo, o outro mundo, o Mal, nada mais são do que a projeção dos maus desejos inconscientes.

A projeção encontra o seu princípio mais fundamental na concepção freudiana da pulsão. A projeção aparece então como o meio de defesa originário contra as excitações internas cuja intensidade as torna demasiadamente desagradáveis; o sujeito projeta-as para o exterior, o que lhe permite fugir - evitamento fóbico, por exemplo - e proteger-se delas. Existe no sujeito uma tendência a tratar essas excitações como se não fizessem parte dele mas sim do exterior. Mas, uma vez projetadas no mundo exterior, o sujeito tem de lidar com essas excitações como se elas fizessem realmente parte do mundo exterior.

³ É interessante notar que a projeção é um mecanismo de significação do mundo já conhecido pelos antigos. Xenófanes de Colofão (570-528 a.C.) foi o primeiro filósofo a criticar os aspectos antropomórficos dos deuses míticos, que segundo ele nada mais eram do que a projeção de características humanas nos deuses coma função de significar e entender melhor o mundo. Cito: “Tudo aos deuses atribuíram Homero e Hesíodo, tudo quanto entre os homens merece repulsa e censura, roubo, adultério e fraude mútua” (11. Sexto Empírico, *Contra os Matemáticos*, IX, 193); ou então: “Mas se mãos tivessem os bois, os cavalos e os leões e pudessem com as mãos desenhar e criar obras como os homens, os cavalos semelhantes aos cavalos, os bois semelhantes aos bois, desenhariam as formas dos deuses e os corpos fariam tais quais eles próprios têm” (15. Clemente de Alexandria, *Tapeçarias*, V, 110). (PRÉ-SOCRÁTICOS: 1999, p. 70-71)

Para Adorno e Horkheimer, a projeção faz parte, de forma instintiva ou inconsciente, do processo cognitivo dos homens. Segundo eles, pode-se dizer que, num certo sentido, perceber é projetar. Isso equivaleria a dizer que o mundo objetivo é constituído pela projeção das impressões dos sentidos como um produto do processo de esquematização.

A projeção está automatizada nos homens, assim como as outras funções de ataque e proteção, que se tornaram reflexos. É assim que se constitui seu mundo objetivo, como um produto daquela “arte escondida nas profundezas da alma humana cujos procedimentos dificilmente haveremos de arrancar à natureza e expor aos olhos de todos”. (DE 175)

Nota-se que aqui há uma correlação entre o mecanismo de projeção freudiano e o processo de esquematização kantiano. A ordem, ou a boa ordenação do mundo objetivo e a sua expressão abstrata por meio de fórmulas científicas, são frutos do mecanismo inconsciente de esquematização ou, como querem os autores, a ordem das coisas, o fato, é fruto de uma projeção espontânea. Segundo Duarte,

é digno de nota, o fato de que, quando Adorno e Horkheimer (...) começam a falar da projeção como um mecanismo que se encontra na base da relação de nossa consciência com o mundo exterior, eles façam uma referência, ainda que não nominal, ao esquematismo kantiano. Mesmo que, nesse trecho, não apareçam as palavras “esquematismo” e “esquema”, os autores, quando falam do relacionamento da projeção com a percepção e da constituição do mundo objetivo, transcrevem o trecho da Crítica da Razão Pura, no qual Kant menciona “a arte escondida nas profundezas da alma humana. (DUARTE: 2003a, p. 451)

Mas na medida em que o homem faz parte da sociedade, essa projeção espontânea precisa ser controlada, isto é, através da socialização, o mecanismo de projeção deve ser aprimorado ou inibido de acordo com o princípio de realidade. Compelido por motivos econômicos, o sujeito aprende a distinguir aqueles pensamentos e sentimentos que lhe são próprios daqueles que lhe são alheios e, a partir dessa distinção, surge também para ele a distinção do mundo interior e do exterior, a possibilidade de distanciamento e identificação, a consciência de si e a consciência moral. Nesse sentido, a paranóia, na medida em que não se distancia da projeção, apresenta a mesma coerência que

caracteriza o pensamento objetivador. A diferença entre a projeção refletida e a projeção paranóica está apenas no fato de que o paranóico toma o seu conteúdo projetado como algo de absoluto, quer dizer, ele relaciona-se com o mundo por meio de “um esquema privado, que não é compartilhado por ninguém” (DE 182). Duarte considera que a diferença entre o conhecimento potencialmente correto e a projeção patológica é apenas de grau: “em ambas há o momento de reificação do objeto, que na projeção normal é flexibilizado pela reflexão e na patológica é tornado absoluto” (DUARTE: 2003a, p. 453). Ainda segundo ele, isso explicaria porque os autores consideram de que “no processo de conhecimento em geral – e não apenas no distúrbio paranóide das relações sujeito/objeto – existem resquícios de comportamentos doentios que podem levar a uma ‘recaída’ na paranóia” (DUARTE: 2003a, p. 453).

Poder-se-ia dizer, na linguagem da teoria da seleção e para maior clareza, que, durante o período de formação do aparelho sensorial humano, sobreviveram os indivíduos nos quais a força dos mecanismos de projeção havia penetrado mais profundamente em suas capacidades lógicas rudimentares, ou nos quais essa força havia sido minimamente diminuída por um início precoce dos processos de reflexão. Assim como, hoje em dia, os projetos científicos práticos e fecundos requerem uma capacidade intacta de definição, a capacidade de imobilizar o pensamento num ponto determinado pelas necessidades da sociedade, de delimitar um campo a ser investigado em seus menores detalhes sem que o investigador o transcenda, assim também o paranóico não consegue deixar de transgredir um complexo de interesses determinados por seu destino psicológico. Seu discernimento consome-se no círculo traçado pela idéia fixa, assim como o engenho da humanidade se liquida a si mesmo na órbita da civilização técnica. A paranóia é a sombra do conhecimento. (DE 182)

A projeção, como um mecanismo de defesa primário, foi determinante em tempos primitivos no modo como o nosso mundo objetivo foi se constituindo a partir das necessidades vitais básicas regidas pelo princípio de autoconservação, seja obtenção de comida ou conforto. A projeção dessas nossas necessidades foi de fundamental importância para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento da espécie e marcou profundamente o modo como se constituiu a sociedade humana. Através da projeção foi possível ao sujeito, ultrapassar o abismo que o separa do mundo, dando a este, um

significado, pois, tal como o processo do esquematismo, a projeção é caracterizada como o momento primário e espontâneo do processo cognitivo. Este significado é constituído a partir do conteúdo projetado e que de alguma forma teve como função o apaziguamento de toda a aflição provocada pela percepção de um mundo hostil.

Na projeção primária não havia uma diferenciação entre a vida intelectual e a vida afetiva, sendo a segunda um fator determinante, uma espécie de substrato para a primeira. A partir da formação da sociedade humana e, sobretudo mais tarde, com a divisão do trabalho nas sociedades capitalistas, houve uma necessidade de controle da projeção. A instrumentalização da razão nos colocou diante da necessidade de distinguir entre aquilo que é projetado por nós e aquilo que está fora de nós. Desse jogo entre o que há em nós que é projetado no mundo e o que há no mundo e nos afeta é que se constitui o mundo objetivo.

Mas, para compreender o modo como esse controle da projeção e seu revés, a falsa projeção, que caracteriza e na qual se baseia não só a mentalidade anti-semita mas também todo aquele sujeito semicultivado, é preciso uma análise mais detalhada do revés da projeção, quer seja, a falsa projeção.

O anti-semitismo baseia-se numa falsa projeção. Ele é o reverso da mimese genuína, profundamente aparentada à mimese que foi recalçada, talvez o traço caracterial patológico em que esta se sedimenta. Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se o familiar, a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil. Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial. (DE 174)

O ego é um produto tardio da projeção. Ele se constitui como uma função que garante a unidade das impressões externas dadas à sensibilidade e as impressões internas do

sujeito. Dependendo fundamentalmente da sua constituição fisiológica, o sujeito tem o seu ego objetivado de uma maneira autônoma, porém ele só é o que o mundo-objeto é para ele. Seguindo a fórmula kantiana que diz “pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas”, pode-se pensar que a profundidade interna do sujeito consiste meramente no seu conteúdo interno projetado e na riqueza do mundo da percepção externa. Através dessa dialética, desse entrelaçamento entre a sua percepção interna e a percepção externa é que o ego se forma e se constitui com autonomia frente ao mundo objetivo.

Entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre-se um abismo que o sujeito tem de vencer por sua própria conta e risco. Para refletir a coisa tal como ela é, o sujeito deve devolver-lhe mais do que dela recebe. O sujeito recria o mundo fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos: a unidade da coisa em suas múltiplas propriedades e estados; e constitui desse modo retroativamente o ego, aprendendo a conferir uma unidade sintética, não apenas às impressões externas, mas também às impressões internas que se separam pouco a pouco daquelas. O ego idêntico é o produto constante mais tardio da projeção (...) A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa. Quando o entrelaçamento é rompido, o ego se petrifica. Quando ele se esgota, no registro positivista de dados, sem nada dar ele próprio, se reduz a um simples ponto. (DE 176)

Há, por parte dos autores, uma negação, pelo menos do ponto de vista da cognição, do positivismo e do idealismo. Em ambos os casos o sujeito se vê obrigado a sacrificar o espírito uma vez que estaria comprometida a sua capacidade de “refletir a coisa tal como ela é” pois, se o idealismo considera que o sujeito deve meramente se ater aos fatos dos quais ele não contribui em sua constituição mas sim somente os registra, o idealismo considera o objeto a partir meramente e só do sujeito. No primeiro caso, o sujeito se reduz a um simples ponto. No segundo, a uma obstinada repetição de si mesmo. Ambas as posições devem ser refutadas sob a alegação de que tais posições podem muito bem incorrer num cientificismo ou num comportamento paranóico.

Só a mediação, pela qual o dado sensorial vazio leva o pensamento a toda a produtividade de que é capaz e pela qual, por outro lado, o pensamento se abandona sem reservas à impressão que o

sobrepuja, supera a mórbida solidão em que está presa a natureza inteira. Não é na certeza não afetada pelo pensamento, nem na unidade pré-conceptual da percepção e do objeto, mas em sua oposição refletida, que se mostra a possibilidade da reconciliação. A distinção ocorre no sujeito que tem o mundo exterior na própria consciência e, no entanto, o conhece como outro. É por isso que esse refletir, que é a vida da razão, se efetua como projeção consciente. (DE 176)

Segundo os autores o comportamento projetivo deve ser considerado como patológico quando o que o caracteriza é a ausência de reflexão. Eles apontam para o fato de que no processo cognitivo bem sucedido, o sujeito deve devolver ao objeto mais do que dele recebeu, ou seja, os autores negam que esse processo deva se limitar a uma mera recepção dos fatos em favor de um processo construtivo em que o sujeito soma, ou enquadra, aqueles dados recebidos em sua percepção que vêm do objeto com as categorias do seu entendimento. Tal processo, na verdade, nos permite considerar que o objeto conhecido é, de fato, muito mais rico do que antes da percepção. A contrapartida dessa ausência de reflexão é que o sujeito acaba por não refletir também sobre si mesmo. Ao considerar o mundo como algo dado, fica muito mais aceitável a defesa da solução final praticada nos campos de concentração, uma vez que a irrefletida ordem dos fatos defende que a desordem social é causada sobretudo pelos judeus. A solução final, o extermínio dos judeus, é o único caminho que permite ao anti-semita colocar o seu mundo em ordem. Mas essa ordem, que advém de uma posição positivista ingênua, uma atitude ingênua de quem se atém só aos fatos, é fruto de uma projeção irrefreada, paranóica, infantilóide e perigosa.

O eu que projeta compulsivamente não pode projetar senão a própria infelicidade, cujos motivos se encontram dentro dele mesmo, mas dos quais se encontra separado em sua falta de reflexão. Por isso os produtos da falsa projeção, os esquemas estereotipados do pensamento e da realidade, são os mesmos da desgraça. Para o ego que se afunda no abismo de sua falta do sentido, os objetos tornam-se as alegorias de sua perdição encerrando o sentido de sua própria queda. (DE 179)

O perigoso na projeção irrefreada e, o que a caracteriza como patológica, é o fato de ser usada indiscriminadamente como uma arma contra os homens, tal como acontecia em nossa pré-história animal. O indivíduo doente se comporta em relação aos outros motivado por sua paranóia, cujos sintomas mais evidentes são a megalomania e a mania de perseguição. Acuado, o anti-semita torna-se perigoso. A sua ação é motivada por uma mera repetição irrefletida de slogans, clichês, estereótipos, isto é, de esquemas anti-semitas.

O patológico no anti-semitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência de reflexão que o caracteriza. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar. Ao invés de ouvir a voz da consciência moral, ele ouve vozes; ao invés de entrar em si mesmo, para fazer o exame de sua própria cobiça de poder, ele atribui a outros os “Protocolos dos Sábios de Sião”. Ele incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo; mas aquilo de que o dota é o perfeito nada, a simples proliferação dos meios, relações, manobras, a práxis sinistra sem a perspectiva do pensamento. (DE 176-177)

Através da sua idéia fixa de onipotência e do apego indiscriminado ao puro esquema do poder o sujeito é envolvido num tipo de esquema mítico que confirma no mundo aquilo que ele já pressentia dentro de si mesmo. E, ao transformar o mundo a sua imagem e semelhança, ele promove o terror.

É como se a promessa, feita pela serpente aos primeiros homens, de se tornarem iguais a Deus houvesse sido resgatada com o paranóico, que cria o mundo todo segundo sua imagem. Ela não parece precisar de ninguém e, no entanto, exige que todos se ponham a seu serviço. Sua vontade penetra o todo, nada pode deixar de ter uma relação com ele. Seus sistemas não têm lacunas. Como astrólogo, ele dota os astros de forças que provocam a ruína dos incautos – no estágio pré-clínico, do ego de outrem, e no estágio clínico, de seu próprio ego. Como filósofo, ele transforma a história universal na executora de catástrofes e decadências inevitáveis. Como louco consumado ou como ser absolutamente racional, ele aniquila a vítima predestinada, seja mediante um ato de terror individual, seja mediante uma estratégia de extermínio cuidadosamente planejada. É assim que tem êxito. (DE 177-178)

3.3. A sugestão como o esquema da propaganda fascista

Adorno, em seu texto “Freudian Theory and the Pattern of Fascist Propaganda”⁴, considera que a sugestão desempenha um papel importante dentro do esquema da propaganda fascista. Para confirmar as suas considerações a respeito do poder da sugestão, como mais um faceta do mecanismo de expropriação do esquematismo, ele toma de empréstimo algumas das idéias do livro *Psicologia das Massas e Análise do Ego*, de Freud. Neste livro, Freud analisa os laços entre os membros de um grupo e do grupo com seu líder como sendo, essencialmente, laços de natureza libidinal e, por isso, segundo Adorno, todo o trabalho da propaganda fascista é permitir que, através de mecanismos psicológicos, como por exemplo a sugestão, a energia sexual primária que une o grupo possa permanecer como o laço que une, mas também como algo que deve permanecer inconsciente. A sugestão deve encobrir essa relação libidinal e sugerir que, o que une o grupo e mantém a sua integração e veneração à figura do líder, não é a relação amorosa, mas sim, por exemplo, a noção abstrata de uma Alemanha completamente ariana. Daí o ódio contra tudo e todo aquele que é eleito como o inimigo por simplesmente ser diferente. Mas, o mecanismo da sugestão é algo difícil de definir – o modo como ela ocorre, a sua natureza não é de fácil apreensão, podendo ser definida como imitação ou como aquilo que possibilita a imitação (FREUD: 1970, p. 99-100). Mas, o fato é que a sugestão mútua entre os indivíduos e o seu direcionamento por um líder, podem ser considerados elementos para a explicação da psicologia dos grupos. O prestígio de que dispõe o líder só é reconhecido como tal por sua capacidade de evocar a sugestão. Mas, contudo, a natureza do processo de sugestão não se aclara facilmente.

⁴ O próprio Adorno refere-se a este texto como tendo sido escrito por ele, mas pensado em parceria com Horkheimer.

Freud considera que não há dúvida de que “existe algo em nós que, quando nos damos conta de sinais de emoção em alguém, tende a fazer-nos cair na mesma emoção, como que por contágio” (FREUD: 1970, p. 99). Mas como cedemos a esse contágio? O que nos compele a obedecer a essa tendência é a imitação e o que induz a emoção em nós é a influência sugestiva do grupo. Freud não explica a natureza da sugestão, ou seja, das condições sob as quais a influência sem fundamento lógico e adequado se realiza. A sugestão é, na realidade, um fenômeno irreduzível e primitivo da vida mental do homem e, portanto, a sua natureza permanece como sendo um enigma.

Freud propõe utilizar o conceito de libido para tentar explicar o poder da sugestão dentro da psicologia do grupo. Para tanto, ele lança mão da teoria do *Eros* platônico que coincide, segundo ele, com a libido da psicanálise.⁵ A energia erótica ou libidinal está na base dos laços que unem o grupo. Ele considera, assim como Platão, que esse amor que tem a união sexual como objetivo, como sendo “o amor próprio, amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, mas também a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas” (FREUD: 1970, p. 101). A essência da mente grupal pode ser explicada como sendo constituída fundamentalmente por essas relações amorosas. Mas, é claro que a natureza dos laços emocionais que une os membros do grupo deve permanecer inconsciente. O líder jamais faz menção a esse tipo de argumento. Nesse sentido, a sugestão atua como um “abrigo” (ADORNO: 2002, p. 137) contra a conscientização desse mecanismo. Para o líder é importante que o grupo se sinta unido por seu próprio poder e não por um poder instintual de natureza libidinoso. Aliás, toda a energia sexual reprimida deve retornar sob a forma de ódio e vontade de

⁵ Segundo Freud, a vocábulo alemão *Liebe* nada mais é do que a tradução do vocábulo grego *Eros*. Em ambos os casos ele designa o desejo de união sexual com o objeto amado. (FREUD: 1970, p. 102)

destruição dirigida contra tudo aquilo que não concorda com os interesses do grupo. O amor pelo grupo é o que faz com que o indivíduo se desindividualize e permite que os outros membros do grupo o influenciem por sugestão. Enfim, o amor libidinal é o elemento que faz com que o membro do grupo sinta a necessidade de estar em harmonia com os outros membros do grupo, de preferência a estar em oposição a eles, e sobretudo na sua devoção incondicional ao líder.

O grupo pretende ser um universal ao qual todos os seus membros devem se submeter. Mas, o narcisismo de cada um é um conceito que diz respeito justamente ao ódio que sentimos pelo diferente. Segundo Freud, toda relação emocional entre pessoas é marcada por aversão e hostilidade que só não vêm à tona porque são reprimidas.

Nas antipatias e aversões indisfarçadas que as pessoas sentem por estranhos com que têm de tratar, podemos identificar a expressão do amor a si mesmo, do narcisismo. Esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração. Não sabemos por que tal sensibilidade deva dirigir-se exatamente a esses pormenores de diferenciação, mas é inequívoco que, com relação a tudo isso, os homens dão provas de uma presteza a odiar, de uma agressividade cuja fonte é desconhecida, e à qual se fica tentado a atribuir um caráter elementar. (FREUD: 1970, p. 113)

Para alcançar a homogeneidade e a harmonia dentro do grupo e para realizar também o desejo de união libidinal, os indivíduos do grupo comportam-se uniformemente, toleram as idiossincrasias de seus outros membros e tornam-se, por imitação, iguais a eles. Essa limitação do narcisismo, que é fundamental para a formação do grupo, só pode ser produzida pelo desejo do laço libidinal com outras pessoas ou objetos. Se podemos dizer com Freud que o amor é um fator civilizador, uma vez que limita o egoísmo narcisista e une as pessoas, podemos dizer com Adorno e Horkheimer que dentro do esquema fascista o amor é um fator que produz o terror.

A ausência de crítica dentro do grupo e o amor incondicional ao líder podem ser explicados também pelo conceito de idealização do objeto alvo dessa devoção. O que ocorre no processo de idealização é uma espécie de servidão do amor (ADORNO: 2002, p. 140). Nesse processo, o objeto é tratado da mesma maneira que o ego, ou seja, aquela perfeição que nos esforçamos por conseguir para o nosso ego e que gostaríamos de adquirir é idealizada no objeto e a sua posse é uma forma de satisfazer o nosso narcisismo. A supervalorização do superego⁶ faz com que o ego se dissolva numa espécie de auto-sacrifício em sua devoção ao objeto.

(...) o ego se torna cada vez mais despretenso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o auto-amor do ego, cujo auto-sacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. (...) Ao mesmo tempo desta 'devoção' do ego ao objeto, a qual não pode mais ser distinguida de uma devoção sublimada a uma idéia abstrata, as funções atribuídas ao ideal do ego deixam inteiramente de funcionar. A crítica exercida por essa instância silencia; tudo o que o objeto faz e pede é correto e inocente. A consciência não se aplica a nada que seja feito por amor do objeto; na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até o diapasão do crime. A situação total pode ser inteiramente resumida numa fórmula: o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego. (FREUD: 1970, p. 123)

No caso da identificação primária, o ego enriqueceu-se através de sucessivas identificações com as propriedades do objeto amado. Mas, no caso da "falsa" identificação, quer seja, a idealização do objeto, o ego empobreceu-se ao se entregar totalmente e sem crítica ao objeto amado. Esse processo é o que Adorno e Horkheimer denominaram a falsa mimese ou a adesão incondicional ao esquema fascista.

É precisamente a idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é confirmada pela ideologia do Führer. Segundo o seu cálculo, as pessoas têm que se submeter às características do moderno conflito entre um forte desenvolvimento racional, autoconservação da agência do ego e o contínuo fracasso em satisfazer as próprias demandas do ego. Este conflito resulta num forte impulso narcisista que pode ser absorvido e satisfeito somente através da idealização como uma transferência parcial da libido narcisista ao objeto. Ao

⁶ Neste texto Freud trata o "superego" pela expressão "ideal do ego". O superego representa a pulsão responsável por moldar o ego por meio da contenção das pulsões do id e, por conseguinte, atua como formador da consciência moral. Em se tratando da formação do grupo, a figura do líder produzida pela propaganda fascista, assume o papel do superego.

amar o líder como um ideal para si mesmo, o indivíduo consegue desfazer-se de suas próprias frustrações e descontentamento. Este padrão de identificação por idealização, a caricatura da verdadeira consciência solidária é, de qualquer forma, coletiva. Isto efetivamente ocorre num vasto número de pessoas com disposições e inclinações libidinais similares. (ADORNO: 2002, p. 140, tradução nossa)

A definição do grupo fascista corresponde, segundo Adorno (ADORNO: 2002, p. 141), exatamente à definição freudiana de um grupo como sendo “um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego” (FREUD: 1970, p. 126).

Freud compara a figura do líder do grupo à figura do pai da horda primeva. Este é caracterizado como um indivíduo livre, intelectualmente forte e independente e cuja vontade não necessitava da aprovação dos outros.

A congruência leva-nos a presumir que o seu ego possuía poucos vínculos libidinais; ele não amava ninguém, a não ser a si próprio, ou a outras pessoas, na medida em que atendiam às suas necessidades. Aos objetos, seu ego não dava mais do que estritamente necessário. Ele, no próprio início da história da humanidade, era o “super-homem” que Nietzsche somente esperava no futuro. Ainda hoje os membros de um grupo permanecem na necessidade da ilusão de serem igual e justamente amados por seu líder; ele próprio, porém, não necessita amar ninguém mais, pode ser de uma natureza dominadora, absolutamente narcisista, autoconfiante e independente. (FREUD: 1970, p. 134)

Adorno considera que a caracterização freudiana do líder do grupo coincide com a figura do líder fascista, pois a caracterização do líder do grupo como um sujeito extremamente narcisista não é outro que o retrato do próprio Hitler; o líder só pode ser amado se ele não ama a ninguém. Um artifício paradoxal, mas que, na verdade é um truque, utilizado pelo líder para conseguir o amor dos outros, está no fato de que ele aparece ao mesmo tempo como “o pai onipotente da horda primeva”, ou seja, como um

“super-homem”⁷, e como um homem do povo. Num certo sentido, pode-se considerar que o lugar de onipotência ocupado pelo líder é um lugar vazio que pode ser ocupado por todo aquele que se identificar com o desejo de expressão da frustração da massa desindividualizada. O líder ocupa este espaço não por seu próprio mérito ou brilho pessoal, mas sim por representar por identificação a desgraça da vida cotidiana da massa.

Os senhores fascistas de hoje em dia são menos super-homens do que funções de seu próprio aparelho de publicidade, pontos de interseção das reações idênticas de inúmeros indivíduos. Se, na psicologia das massas hodiernas, o líder representa menos o pai do que a projeção coletiva e desmesuradamente aumentada do ego impotente de cada indivíduo, então as figuras dos líderes correspondem a ele efetivamente. Não é à toa que se parecem com cabeleireiros, atores de província e jornalistas chantagistas. Uma parte de sua influência moral reside no fato de que, embora impotentes, se o consideramos em si mesmos, no que se assemelham a todos os outros, eles representam para esses a plenitude do poder, sem por isso deixarem de ser simples lugares vazios que o poder veio ocupar. Não é que eles constituam uma exceção ao processo de desintegração da individualidade, mas se trata antes do fato que a individualidade desintegrada neles triunfa e de certo modo, se vê recompensada por sua desintegração. Os líderes tornaram-se totalmente o que sempre foram um pouco durante toda a era burguesa: atores representando o papel de líderes. (...) Os que lutam contra o fascismo não têm o menor interesse em reduzir as *images* inflacionadas do Führer à real medida de sua nulidade. O filme de Chaplin tocou pelo menos um ponto essencial, mostrando a semelhança entre o barbeiro do gueto e o ditador. (DE 220-221)

É através da idealização de si mesmo, da exaltação do seu narcisismo, que o líder fascista representa muito mais a coletividade das projeções narcisistas dos membros do grupo do que um sujeito de vontade forte e onipotente. Faz parte do esquema da propaganda fascista apresentar o líder como o “pequeno grande homem”, o que sugere que ele é ao mesmo tempo onipotente e comum. Essa ambivalência representa, por um lado, a pulsão narcisista incontrolada que representa a autoridade daquele que ama somente a si mesmo, quer seja, o líder. Por outro lado, representa também a pulsão narcisista que foi refreada e direcionada para o amor a outrem ou o desejo de se

⁷ Adorno considera que a caracterização do pai primevo como sendo um super-homem nietzscheano trata-se não do real sentido considerado por Nietzsche, mas sim do seu sentido popularizado como um clichê (ADORNO: 2002, p. 156).

submeter à autoridade. A manipulação da pulsão narcisista, por parte da propaganda, ao sugerir que cada um pode ser tão potente quanto o líder simplesmente ao se identificar com ele e com os outros membros do grupo, é um dos mecanismos de expropriação do esquematismo das pessoas por identificação.

Mas, o anti-semitismo tem que inventar o seu objeto. O conflito não se dá mais entre crentes e não-crentes, como no processo de extermínio daqueles que não fazem parte do grupo dos crentes como na Inquisição Católica. O apego indiscriminado aos membros do grupo e ao líder e o ódio àqueles que não pertencem ao grupo, ao diferente, passa agora para o critério da raça ou da redução ao natural. A exaltação narcisista das características da raça é o critério que une o grupo fascista e desperta entre os seus membros o instinto de destrutividade.

O ganho narcisista proporcionado pela propaganda fascista é óbvio. Ela sugere continuamente e às vezes de maneira um tanto quanto maliciosa, que os seguidores, simplesmente por pertencerem ao grupo, são melhores, nobres e puros em relação àqueles que estão excluídos. Ao mesmo tempo, qualquer tipo de crítica ou autoconsciência é ressentida como uma perda narcisista e provoca a fúria. Isto explica a violenta reação de todos os fascistas contra o que eles julgam desagregar, o que desmascara a sua própria obstinada conservação dos valores do grupo, e também explica a hostilidade de pessoas preconceituosas contra qualquer tipo de introspecção. Concomitantemente, a concentração da hostilidade sobre os que não pertencem ao grupo diminui a intolerância em relação aos membros do grupo. (ADORNO: 2002, p. 145, tradução nossa)

O nivelamento entre os membros do grupo fascista, a negação das características particulares dos seus membros deve ser eliminada – todos devem estar comprometidos com o interesse do grupo e nenhum membro deve priorizar o seu prazer individual. A igualdade promovida pela propaganda fascista em vez de promover uma real igualdade pela abolição da repressão, faz parte da mentalidade fascista e reflete o esquema do agitador que promete se vingar severamente dos prazeres desfrutados pelos outros. A coerência com os interesses do grupo implica numa incoerência consigo mesmo.

Ninguém deve querer seguir além do grupo, cada um deve querer e ter o mesmo. O ideal seria que indivíduos, originalmente rivais, com interesses distintos, se identificassem por meio de um amor semelhante pelo mesmo objeto.

O que posteriormente aparece na sociedade sob a forma de *Gemeingeist*, *esprit de corps*, 'espírito de grupo' etc. não desmente a sua derivação do que foi originalmente inveja. Ninguém deve querer salienta-se, todos devem ser o mesmo e ter o mesmo. A justiça social significa que nos negamos muitas coisas a fim de que os outros tenham de passar sem elas, também, ou, o que dá no mesmo, não possam pedi-las. (FREUD: 1970, p. 130)

Mas, de onde vem esse encanto que faz com que o líder seja amado por seus seguidores? Adorno (2002: p. 147) considera que os agitadores fascistas não passam de indivíduos grosseiros e semiformados⁸. Segundo ele, quem examinar os discursos e os escritos de Goebbels terá a impressão de que ele era muito esperto em questões políticas mas muito ingênuo e superficial ao considerar questões sociais ou psicológicas. A imagem de Goebbels como um sofisticado e radical intelectual é um produto da propaganda fascista. Adorno considera que se os agitadores fascistas careciam de conhecimento de psicologia das massas, então o seu sucesso, a sua identidade com os seus seguidores, só podem ser explicados, de resto, pelo conceito psicanalítico da identificação.

O líder (...) se distingue dos membros do grupo e dispõe de prestígio por sua capacidade de expressar sem inibições o que está latente neles, mais do que por alguma superioridade intrínseca. O líder é geralmente um caráter de tipo oral, com uma compulsão para falar incessantemente e para enganar os outros. O famoso encanto que ele exerce sobre os seus seguidores depende imensamente de sua oralidade: a linguagem em si mesma, destituída de qualquer significado racional, funciona de um modo mágico e promove aquelas regressões arcaicas que reduzem os indivíduos a membros da horda. (ADORNO: 2002, p. 147-148)

Se a desinibição no falar é uma característica fundamental do agitador, ela denuncia, por outro lado, uma falta de controle do próprio ego e, isso denota muito mais uma fraqueza

⁸ O que, aliás, Hannah Arendt também constatou em seu estudo sobre o totalitarismo, sobretudo em sua análise do "caso Eichmann".

do que um sinal de superioridade. Para conseguir alcançar o inconsciente dos seus seguidores, os agitadores devem deixar aflorar na sua fala o seu próprio inconsciente. Ao discursar sem inibições o agitador oferece à massa, como algo racional, todos aqueles elementos irracionais que permaneceram reprimidos em seu inconsciente. Eis aí o segredo do seu sucesso. Ao deixar aflorar no seu discurso todo o seu narcisismo reprimido, a sua aversão ao diferente e o ódio por ter de ceder uma parcela desse amor a si mesmo em função do amor a outrem – que, aliás, é a condição de toda a vida social -, ele se identifica à massa, que sente exatamente o mesmo. Desse modo, ele mesmo, sem conhecer qualquer teoria psicológica, mas explorando a sua própria psicologia, é capaz de provar que a teoria psicológica é verdadeira.

Inclinado como é a todos os extremos, um grupo só pode ser excitado por um estímulo excessivo. Quem quer que deseje produzir efeito sobre ele, não necessita de nenhuma ordem lógica em seus argumentos; deve pintar nas cores mais fortes, deve exagerar e repetir a mesma coisa diversas vezes. (FREUD: 1970, p. 89)

Como um apoio ao seu discurso o agitador lança mão de *slogans* que têm a função de, através da repetição, padronizar o comportamento dos seus seguidores. O pensamento estereotipado, desvinculado de qualquer experiência real, é o padrão a que todos devem se identificar. A propaganda fascista, através da sugestão, transforma o membro do grupo em um “consumidor” de valores estereotipados. O pensamento em bloco é o ideal que deve ser incentivado, uma vez que o juízo individual é considerado como um ato de traição. O poder da propaganda está no fato de que ela mantém os homens na condição da minoridade, padronizada e despojada de autonomia e espontaneidade. A propaganda fascista só tem que reproduzir a mentalidade da massa existente e a compulsiva repetição de *slogans*, clichês ou esquemas extraídos da cultura de massas é a condição para essa reprodução. Adorno chama a atenção para o fato de a propaganda fascista

tomar de empréstimo as suas técnicas de manipulação da própria cultura propagandística do mundo dos negócios. A influência exercida pelo líder fascista tem o mesmo fundamento que a influência dos atores de cinema sobre os espectadores: a manipulação do elemento inconsciente narcisista de cada um através da sugestão. A propaganda fascista ocupa o lugar do superego como consciência moral.

Retomando a argumentação sobre o capítulo do anti-semitismo, pode-se considerar que a “mentalidade do *ticket*” é outro mecanismo de expropriação do esquematismo das pessoas apontado pelos autores. Através da sugestão de uma lista de candidatos de um partido político fascista, o chamado *ticket*, os eleitores foram convocados a dar um sim à oficialização do anti-semitismo de estado. O anti-semitismo que sempre existiu como um tema aberto à escolha subjetiva, transformou-se em plataforma eleitoral e acabou por se transformar de uma questão privada em uma motivação pública. Ao povo que foi convocado a votar na lista de candidatos que compunha o *ticket* só restou a opção de aderir à plataforma anti-semita. E os judeus que sempre foram tolerados por uma questão econômica se viram proscritos justamente porque encarnavam o papel do comerciante e foram responsabilizados pela exploração necessária ao funcionamento do sistema: “O comerciante é o oficial de justiça para o sistema inteiro e atrai para si o ódio voltado aos outros. A responsabilidade do setor de circulação pela exploração é uma aparência socialmente necessária” (DE 163).

Privado da possibilidade de conhecer os candidatos e suas idéias, só restou ao povo a escolha dos *slogans* meticulosamente construídos com o intuito de privá-lo de tomar conhecimento do real interesse do III Reich. A experiência, processo fundamental para a

escolha dos candidatos foi substituída por fórmulas estereotipadas. Ao aderir ao *ticket* fascista, a massa estava aderindo a um esquema social em substituição à experiência que cada um tinha com os judeus. O anti-semitismo transforma-se de um impulso independente, na condição de felicidade de todo um povo e não aderir à irracionalidade do esquema do *ticket*, que condena o judeu como um criminoso, pode significar a própria ruína.

A experiência é expropriada do sujeito ao ser substituída por clichês ou fórmulas estereotipadas e a sua imaginação que, na filosofia kantiana, é um processo ativo e justamente por isso produz o juízo autônomo, acaba por se atrofiar. A imaginação é um processo fundamental para o processo esquematizante pois ela vai fornecer os esquemas que possibilitam ao entendimento julgar os dados recebidos pela percepção. Mas, uma vez que o conteúdo percebido, o clichê, já traz em si toda a orientação de como e o que se deve pensar e como se deve agir, então o papel da imaginação passa a ser de mera recepção de juízos pré-formados. Segundo os autores, “no mundo da produção em série, a estereotipia – que é seu esquema – substitui o trabalho categorial. O juízo não se apóia mais numa síntese efetivamente realizada, mas numa cega subsunção” (DE 188). O esquema da mentalidade do *ticket*, a estereotipia, elimina o juízo ao antecipar e expropriar das massas o trabalho categorial. Num mundo em que é preciso sempre produzir algo, o pensamento que sempre teve como condição o ócio, uma vez que a produção dos juízos exige tempo, é considerado uma perda de tempo. O tempo perdido com a reflexão deve ser aproveitado para a produção. Mas, de toda forma, é preciso pensar e, para economizar tempo, tudo o que deve ser pensado é fornecido às massas de maneira acabada. A sugestão atua aqui como um mecanismo psicológico importante

pois ao sugerir em blocos modelos de comportamento, o *ticket* anti-semita evita que cada um tire as suas próprias conclusões. Sob a pena de ficar de fora do sistema, a sugestão é aceita incondicionalmente como sendo uma regra da natureza. Não aderir a este esquema significa aderir à desordem que o III Reich combate. A sugestão fornece modelos para que o indivíduo e, por fim, a massa possa se identificar à ordem promovida pelo III Reich. Todas as opções do *ticket* fascista coincidem com essa ordem.

Se, numa fase histórica primitiva, o julgar consistia num rápido discriminar capaz de desfechar sem hesitação a seta envenenada, nesse meio tempo a prática da troca e a administração da justiça fizeram seu trabalho. Antes, o juízo passava pela etapa da ponderação, que proporcionava certa proteção ao sujeito do juízo contra uma identificação brutal com o predicado. Na sociedade industrial avançada, ocorre uma regressão a um modo de efetuação do juízo que se pode dizer desprovido de juízo, do poder de discriminação. Quando o fascismo substituiu no processo penal os procedimentos legais complicados por um procedimento mais rápido, os contemporâneos estavam economicamente preparados para isso; eles haviam aprendido a ver as coisas, sem maior reflexão, através dos modelos conceituais e termos técnicos que constituem a estrita razão imposta pela desintegração da linguagem. O percebedor não se encontra mais presente no processo da percepção. Ele não mobiliza mais a passividade ativa do conhecimento, na qual os elementos categoriais se deixam modelar da maneira adequada pelo “dado” convencionalmente pré-formado, e este por aqueles, de tal modo que se faça justiça ao objeto percebido. No campo das ciências sociais bem como no da experiência individual, a intuição cega e os conceitos vazios são reunidos de maneira rígida e sem mediação. Na era do vocabulário básico de trezentas palavras, a capacidade de julgar e, com ela, a distinção do verdadeiro e do falso estão desaparecendo. Na medida em que o pensamento deixa de representar uma peça do equipamento profissional, sob uma forma altamente especializada em diversos setores da divisão do trabalho, ele se torna suspeito como um objeto de luxo fora de moda: “*armchair thinking*”. (DE 188)

Em seu texto “Resposta a pergunta: O que é Esclarecimento?”, Kant já alertava para o fato de que é muito mais cômodo transferir a outrem as decisões sobre a própria vida:

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam em tutores deles. É tão cômodo ser menor. Se tenho um livro que faz as vezes de meu entendimento, um diretor espiritual que por mim tem consciência, um médico que por mim decide a respeito da minha dieta, etc., então não preciso esforçar-me eu mesmo. Não tenho necessidade de pensar, quando posso simplesmente pagar; outros se encarregarão em meu lugar dos negócios desagradáveis. A imensa maioria da humanidade (inclusive todo o belo sexo) considera a passagem à maioria difícil e além do mais perigosa, porque aqueles tutores de bom grado tomaram a seu cargo a supervisão dela. Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar mais um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes em seguida o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas. Ora, este perigo na verdade não é

tão grande, pois aprenderiam muito bem a andar finalmente, depois de algumas quedas. Basta um exemplo deste tipo para tornar tímido o indivíduo e atemorizá-lo em geral para não fazer outras tentativas no futuro. (KANT: 1974, p. 100-102)

É interessante notar nesta passagem, que Kant considera que existe uma administração da menoridade sob a responsabilidade dos tutores, que tanto a supervisionam quanto a promovem incutindo nas massas a idéia de que o esclarecimento – que, segundo Kant, só é possível pelo pensamento autônomo – é algo perigoso e inútil. Para manter a ordem e os privilégios, os tutores lançam mão de técnicas semelhantes às utilizadas pelos anti-semitas. A sugestão de modelos de comportamento, a estereotipia, a expropriação da capacidade de formar os próprios juízos é uma técnica que, segundo o texto de Kant, faz parte do esquema de poder dos tutores. Preceitos e fórmulas, como esquemas socialmente produzidos, substituem o trabalho categorial e caracterizam a grande massa como destituída de pensamento.

É difícil portanto para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso do uso racional, ou antes do abuso, de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura. (KANT: 1974, p. 102)

Mas, se no liberalismo da época de Kant o esclarecimento de uma parte da população era necessário para a adaptação da sociedade em seu todo ao estágio da técnica, e a existência de sujeitos livres foi fundamental para a cooperação relativamente livre sob a qual se apoiava a economia de mercado, dentro do esquema fascista o que ocorre é um processo de desindividualização por identificação e expropriação, uma vez que indivíduos autônomos não interessam à ordem fascista. A perda progressiva da experiência acaba por transformar os adeptos do *ticket* em inimigos da diferença. Nesse

sentido, não é só o *ticket* anti-semita que é anti-semita, mas a mentalidade do *ticket* em geral.

Segundo Rodrigo Duarte, em seu livro *Teoria Crítica da Indústria Cultural*, a exemplo do que acontece com a indústria cultural, “o anti-semitismo tem sua razão de ser exatamente na expropriação das instâncias internas de decisão e mesmo de percepção da realidade que caracterizaram, no passado, o sujeito autônomo” (2003, p. 75). Nesse sentido, pode-se, por fim, considerar que os mecanismos de expropriação do esquematismo ocorrem de maneira semelhante nos dois casos, uma vez que

na era das grandes corporações e das guerras mundiais, a mediação do processo social através das inúmeras mônadas mostra-se retrógrada. Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e essa economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade. A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. (DE 189-190)